

CONSTRUÇÃO E EVIDÊNCIAS INICIAIS DE VALIDADE DE UMA ESCALA BRASILEIRA DE IDENTIFICAÇÃO NACIONAL

DEVELOPMENT OF A BRAZILIAN SCALE OF NATIONAL IDENTITY AND PRELIMINARY EVIDENCE OF VALIDITY

Samuel Lins¹, Juliane Borsa², Sara G. Alves³, Rúben Silva⁴

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XVI • ISSUE FASCÍCULO 2
1ST JULY JULHO - 31ST DECEMBER DEZEMBRO 2020 • PP. 48-62

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XVI.2.4>

Submitted on April 2nd, 2020

Submetido a 2 de abril 2020

Resumo

Identidade social é parte do autoconceito de uma pessoa e é construída com base em características associadas a determinadas categorias sociais que o indivíduo faz parte. Atualmente, uma das mais salientes categorias de identidade social é a nacionalidade. O presente estudo apresenta uma nova medida de identificação nacional, desenvolvida para o contexto brasileiro. Para tanto, foram realizados dois estudos. O primeiro refere-se à construção do instrumento e à investigação de evidências iniciais de validade interna. Já o segundo estudo investigou novas evidências de validade interna e buscou evidências de validade com base nas relações com variáveis externas e teoricamente correlatas à identificação nacional. Os resultados de ambos os estudos indicaram evidências de validade de construto e de critério da escala. No entanto, outras evidências de validade ainda são necessárias para atestar a qualidade da escala de identificação nacional e sua real adequação para uso no contexto brasileiro.

Palavras-chave: identificação nacional, otimismo, autoestima, aatisfação com a vida, emoções.

¹ Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Portugal. Investigador do Laboratório de Psicologia Social (LPS) do Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6824-4691> E-mail: samuellins@fpce.up.pt

² Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Avaliação Psicológica APlab - Pessoas & Contextos. Bolsista Produtividade CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7703-5509> Email: juliborsa@gmail.com

³ Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6792-2614> Email: up201304933@fpce.up.pt

⁴ Mestre em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8030-1940> Email: up201303714@fpce.up.pt

Abstract

Social identity is part of a person's self-concept and is built on characteristics associated with certain social categories to which one belongs. Currently, one of the most salient categories of social identity has been the nationality. The present study presents a new measurement of national identification, developed for the Brazilian context. Two studies were carried out. The first concerns the construction of the instrument and the investigation of initial evidence of internal validity. The second study investigated new evidence of internal validity and sought evidence of validity based on relationships with external variables and theoretically correlated with national identity. The results of both studies indicated evidence of construct validity and scale criterion. However, other evidence of validity is still needed to attest to the quality of the National Identification Scale and its actual suitability for use in the Brazilian context.

Keywords: national identification, optimism, self-esteem, life satisfaction, emotions

Introdução

Enquanto seres humanos integrantes de mundos sociais complexos, os indivíduos definem-se não só pelo que os caracteriza pessoalmente, constituindo a sua identidade pessoal, como também pelo que caracteriza os grupos aos quais pertencem, constituindo a sua identidade social. Essa é a parte do autoconceito de uma pessoa que deriva das categorias sociais às quais ela pertence (Tajfel & Turner, 1979).

Na base da construção dessa identidade está a compreensão de que o mundo pode ser dividido em categorias sociais relevantes, levando à auto-categorização em algumas dessas categorias (e.g., identificação enquanto homem, estudante, brasileiro), definindo-se assim o “nós” (o endogrupo) e o “eles” (o exogrupo) (Turner et al., 1987). Esta identificação pode diferir em intensidade entre os indivíduos que pertencem ao grupo (Hogg, 1996); usando o exemplo da identidade nacional, uma pessoa que nasceu e viveu sempre no mesmo país pode sentir uma identificação mais intensa com o mesmo do que quem imigrou para esse país na idade adulta. Este processo de identificação é multifacetado, compreendendo tanto uma dimensão cognitiva (e.g. se reconhecer como membro de um grupo), como uma afetiva, vivenciando emoções positivas decorrentes do pertencimento (e.g. satisfação, orgulho, etc.), e ainda uma dimensão avaliativa, relacionada com o valor que a pessoa atribui a esta pertença (Brown et al., 1996; Ellemers et al., 1999; Feitosa et al., 2012; Tajfel, 1978).

Atualmente, o fenômeno da globalização está imparável, tornando cada vez mais saliente uma das várias categorias de identidade social, a nacionalidade (Chiu et al., 2011). Apesar ser uma categoria de análise mais abrangente que os grupos habituais, a nação pode ser considerada um grupo no sentido mais amplo (García-García et al., 2012), sendo o processo de identificação semelhante aos das restantes identidades sociais, na medida em que engloba as três dimensões previamente referidas e é frequentemente conceitualizada nesse paradigma (e.g., Huddy & Khattib, 2007). A categorização segundo a nação dá-se então, com a delimitação perceptiva de um espaço territorial e cultural comum: as pessoas reconhecem a sua pertença a um determinado país com normas e valores concretos (Kelman, 1997).

Assim, a identidade nacional tem um forte potencial de promoção do sentido de pertença, de autoestima e de autoproteção (McCauley, 2001; Salazar, 1998). De fato, pessoas com uma elevada identificação nacional costumam reportar níveis maiores de autoestima (e.g., Luhtanen & Croker, 1992; Stets & Burke, 2014; Teixeira & Lins, 2018), otimismo (e.g., Smokowski et al., 2014), e satisfação com a vida (e.g., Haslam et al., 2009). Ademais, existe evidência de que uma identificação nacional forte está associada a comportamentos pró-sociais relativos aos membros do endogrupo (Maki et al., 2019; Zhao et al., 2020), afeição pelos mesmos (Gallagher & Cairns, 2011), confiança nas instituições políticas (Berg & Hjerm, 2010) e, ainda, julgamentos positivos e vontade de comprar produtos nacionais (Zeugner-Roth et al., 2015).

Por fim, a identidade nacional também pode influenciar os julgamentos e as emoções. No estudo de Lins e Borsa (2014), na ocasião da Copa do Mundo FIFA 2014, verificou-se que, quanto mais forte a identidade nacional dos brasileiros, melhor a avaliação dos impactos do evento no seu país. Os participantes também reportaram mais emoções positivas e menos emoções negativas quando pensavam na Copa. O orgulho no país e nos seus feitos e conquistas também surge como uma emoção positiva altamente associado à identidade nacional (Huddy & Khatib, 2007).

Além disso, a mera categorização do mundo social de acordo com diferentes nacionalidades aumenta a percepção de semelhança entre as pessoas com a mesma nacionalidade, e a percepção de diferença em relação àqueles de nacionalidades diferentes (e.g., Turner et al., 1994; Turner & Reynolds, 2012). Quando a identidade nacional enfatiza estas diferenças, colocando o endogrupo acima dos restantes, uma maior identificação poderá levar a uma menor aceitação de imigrantes e refugiados (e.g., Blank & Schmidt, 2003; Esses et al., 2004; Yitmen & Verkuyten, 2018) ou dificultar a resolução de conflitos internacionais (Herrmann et al., 2009; Kelman, 2001).

Contudo, a identidade nacional não é experienciada de forma necessariamente coesa e homogênea, podendo os membros de cada nação atribuir múltiplos e diversos significados à sua identidade nacional. Lima e Santos (2016) analisaram as representações sociais de brasileiros sobre o Brasil e sobre o que é ser brasileiro e encontraram um padrão mais complexo e ambivalente. Por um lado, os brasileiros associam Brasil com um “lugar bom para viver”, que “adora” e que é “legal e ótimo”; por outro, o Brasil também é considerado um lugar de “mendigo”, “pobreza”, “miséria” e “precariedade”. O mesmo estudo também indicou que mais de 80% dos participantes se sentem, gostam de ser e têm orgulho em serem brasileiros. Scheve e colaboradores (2014) verificaram, também, que a identificação nacional de pessoas de diferentes países estava associada a símbolos diferentes (bandeira, hino, cores nacionais, entre outros), características institucionais e políticas (valores e posições políticas) e atitudes face à comunidade e solidariedade.

A identidade nacional é, portanto, um conceito rico e de relevância social, pelo que a mensuração da intensidade da identificação no contexto de investigação pode ser muito útil. Especificamente no contexto brasileiro, a grande heterogeneidade nos significados atribuídos à identidade nacional dá-se numa atualidade em que o Brasil tem notoriedade internacional sobretudo pela corrupção, pelo preconceito, e pela desigualdade social (Graeff et al., 2019; Schallhorn, 2020). Neste panorama, um instrumento para mensurar a identificação nacional brasileira é um ponto de partida para analisar algumas das principais problemáticas sociais da sociedade brasileira. Por exemplo, poder-se-ia estudar o impacto dos recorrentes escândalos de corrupção para a identidade nacional dos brasileiros e suas consequências para a coesão (ou fragmentação) da sociedade e para a autoestima dos indivíduos.

Existem, assim, diversas escalas criadas no sentido de medir a identificação social (podendo estas serem adaptadas ao grupo alvo em questão, como a nação), variando principalmente na sua dimensionalidade. Por exemplo, há estudos que medem a identificação nacional recorrendo a um único item (e.g. “Identifico-me com o [grupo/país]”) (Postmes et al., 2013); contudo, esta opção pode deixar de fora componentes importantes da identificação social, não sendo ainda possível testar a sua consistência interna, exceto através de uma medida de teste-reteste, que pode ser confundida com mudanças verdadeiras na intensidade do construto (Dibble et al., 2011). Além disso, a validade preditiva de medidas de um único item é menor que em medidas com múltiplos itens, devendo as primeiras ser usadas apenas em condições muito específicas (Diamantopoulos et al., 2012).

Por outro lado, outros estudos adotam operacionalizações multidimensionais, embora não haja consenso acerca do número de dimensões inerentes ao processo de identificação; existem autores que defendem que este processo contém duas (Arocena et al., 2010; Guitart, 2010), três (Ellemers et al., 1999; Cameron, 2004), quatro (Jackson & Smith, 1999; Lilli & Diehl, 1999), cinco (Leach et al., 2008) ou mais dimensões (Ashmore et al., 2004). É de salientar que, para algumas destas conceitualizações, não existe fundamentação empírica, enquanto que nas restantes, esta fundamentação não exclui a possibilidade da existência de um fator geral explicativo da variância dos itens.

De fato, os modelos testados não preveem a existência de um fator de segunda ordem que explique os fatores encontrados, mesmo que estes se encontrem correlacionados. Por esta razão, estes modelos multidimensionais não permitem a avaliação da identificação nacional por meio de um fator geral, sendo apenas possível avaliar as suas várias partes constituintes separadamente (Furr, 2011).

Neste sentido, segundo Reise e colaboradores (2013), encontrar um melhor ajustamento do modelo multidimensional aos dados não é justificação suficiente para defender a superioridade teórica de um modelo multidimensional. Os autores argumentam que estudos que propõem estruturas multidimensionais defendem que, por um lado, não existe um fator geral, mas, por outro lado, não verificam se é realmente impossível haver um fator único. Ademais, quando o modelo é severamente multidimensional não faz sentido considerar a existência de um fator único (Reise et al., 2013).

Ademais, é necessário verificar qual a quantidade de informação confiável que as sub-escalas fornecem para além do score total, isto é, em que medida as sub-escalas refletem construtos únicos e diferentes do construto geral de ordem superior. Nenhum dos estudos que avaliam a multidimensionalidade da identificação nacional verificou estes aspetos, pelo que a multidimensionalidade da identificação social não deve ser aceite sem reservas (Reise et al., 2013). Por fim, estas escalas são, em geral, bastante extensas, podendo tornar-se cansativas para os participantes responderem, especialmente quando aplicadas em conjunto com outras escalas.

A grande maioria dos estudos, contudo, aborda este construto como sendo unifatorial (Cameron, 2004; Ellemers et al., 1999; Leach et al., 2008). De fato, a teoria permite considerar a identificação como um construto único e contínuo, havendo indivíduos mais identificados com o seu grupo e indivíduos menos identificados. Embora alguns autores argumentem que diferentes dimensões possuem correlatos externos diferentes, o mesmo se pode considerar de itens diferentes, não sendo essa uma boa razão para se procurar essas relações e recusar a existência de um fator único explicativo da variância desses itens (Reise et al., 2013). Ademais, existem linhas

de investigação que necessitam ou pretendem investigar a identificação nacional como um todo, pelo que a existência de escalas unidimensionais empiricamente validadas pode ser muito útil.

No Brasil, existe uma escassez de estudos e medidas sobre identificação nacional. Uma pesquisa na EBSCO com as palavras-chave “Brasil” e “identificação nacional”, em Março de 2021, apresentou 4 resultados dos quais apenas um incorpora uma medida de identificação nacional. No estudo de Espinosa e colaboradores (2016), os autores usaram apenas um item para medir a identificação nacional dos participantes (“Qual é o seu grau de identificação com a categoria nacional?”).

Entretanto, importa destacar a existência de três escalas brasileiras que avaliam a identidade grupal. A primeira foi elaborada por Pimentel, Gouveia e Fonseca (2005), com uma amostra de 548 estudantes paraibanos do ensino médio, que avalia a identificação dos jovens com grupos alternativos (*hippies, punks, skinheads, headbangers, skatistas, surfistas e funkeiros* – alfa de Cronbach = .87). A segunda é uma escala composta por seis itens desenvolvida por Wachelke (2012), com uma amostra de 1203 universitários de sete estados brasileiros, que avalia a força de conexão dos indivíduos com um grupo ao qual pertence ($\alpha = .90$). Por fim, há a Escala Trifatorial da Identidade Social (ETIS), desenvolvida por Nascimento e Souza (2017) para o contexto profissional de policiais do Distrito Federal, composta por 9 itens distribuindo em três fatores: centralidade, afeto e laços. A confiabilidade, medida através do *Rho* de Jöreskog, mostrou-se adequada ($\alpha = .87, .87$ e $.91$, respectivamente).

Sendo assim, a escala de Wachelke (2012) é a que mais se aproximaria de uma medida de identificação nacional, uma vez que é adaptável a esse contexto. Contudo, a existência de uma medida específica de identificação nacional, empiricamente validada e adaptada ao contexto brasileiro, seria uma importante contribuição para o estudo desse fenômeno, em estudos quantitativos que procurem compreender a intensidade desta identificação.

O presente estudo visa descrever os procedimentos de construção de uma nova medida de avaliação da identificação nacional, que irá suprimir a falta de uma escala empiricamente validada para o contexto brasileiro. Para tal, foram realizados dois estudos em tempos e amostras distintas. O Estudo 1 teve o objetivo de construir o instrumento e investigar evidências iniciais de validade interna da medida. Já o Estudo 2 teve o objetivo de buscar novas evidências de validade interna e investigar evidências de validade com base nas relações com outros construtos correlatos à identificação nacional (emoções e avaliações dos impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016, autoestima, otimismo e satisfação com a vida).

Estudo 1

Método

Construção do Instrumento

Com base na teoria sobre identidade social (Tajfel, 1978), teve-se como ideia construir e desenvolver uma medida curta e parcimoniosa, optando por uma operacionalização unidimensional da identificação nacional (por comparação às escalas multidimensionais), que meça este

construto de forma holística, mas devidamente heterogênea (por comparação às escalas de um único item, e.g., Postmes et al., 2013).

Para obter esta heterogeneidade, procurou-se que os itens refletissem os componentes da identificação social conforme definido por Tajfel (1978), não só por ser a conceitualização inicial do construto da identificação, mas também pelo apoio continuado da mesma na literatura (Brown et al., 1996; Ellemers et al., 1999; Feitosa et al., 2012). Foram, então, utilizados cinco itens: um item relativo à dimensão cognitiva de pertença (“Me identifico com os(as) brasileiros(as) em geral”), dois itens relativos à dimensão afetiva da identificação nacional (“Me orgulho de ser brasileiro(a)” e “Sinto satisfação em pensar que sou brasileiro(a)”), e dois itens relativos ao componente avaliativo (“Ser brasileiro(a) é importante para mim” e “Gosto de ser brasileiro(a)”).

Em relação ao tipo de escala de respostas, optou-se pela do tipo Likert de pontos, variando conforme a concordância do participante em relação à afirmação (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente).

Participantes

Participaram no estudo 1279 brasileiros (54.7% mulheres), com idade média de 31.1 anos ($DP = 11.3$, $min = 18$ e $máx = 77$), de todos os estados do Brasil, sendo a maioria dos sujeitos do estudo do estado do Rio de Janeiro ($n = 293$), Paraíba ($n = 241$), São Paulo ($n = 165$) e Rio Grande do Sul ($n = 112$).

Procedimentos

A coleta de dados do Estudo 1 foi realizada de forma virtual, por meio de uma página na internet desenvolvida para os objetivos da pesquisa, divulgada através de lista de *e-mails*, redes sociais e aplicativos de mensagens. Todos os participantes foram informados do objetivo do estudo, e foram assegurados do anonimato, do sigilo das respostas e da participação voluntária na pesquisa. Os procedimentos atenderam às prerrogativas da Declaração de Helsinki e atendeu aos requisitos propostos para pesquisas com humanos no Brasil (Resolução 466/2016). A recolha de dados aconteceu durante o período de realização da Copa do Mundo FIFA 2014 (junho e julho de 2014).

Para a análise dos dados, foi realizada uma análise fatorial exploratória (método: fatoração pelo eixo principal), aos itens da escala proposta, no sentido de identificar a sua estrutura fatorial e uma análise da sua consistência interna, através do alfa de *Cronbach*.

Resultados

De acordo com os índices de *KMO* (.87), e o Teste de Esfericidade de *Barlett* χ^2 (10, $n = 1279$) = 5065.08, $p < .001$, verificou-se que a matriz de correlação era fatorável. Desta análise, sem fixar o número de fatores a serem extraídos, emergiu uma estrutura unidimensional (Figura 1), com *eigenvalue* superior a 1 (3.78), correspondendo a 75.67% da variância explicada, e cargas fatoriais satisfatórias variando de .74 a .90 (Tabela 1). A consistência interna foi de .92, considerada excelente segundo George e Mallery (2005).

FIGURA 1.

Scree plot da análise fatorial da Escala de Identificação Nacional

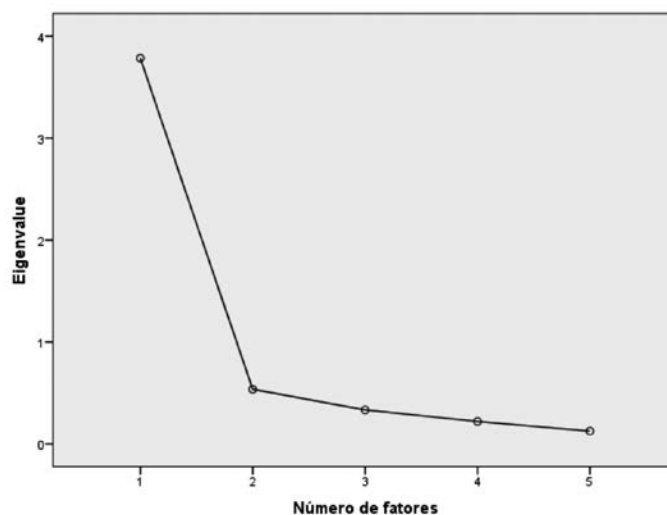


TABELA 1.

Análise Fatorial Exploratória da Escala de Identificação Nacional

Item	M (DP)	Carga fatorial
5. Sinto satisfação em pensar que sou brasileiro(a)	3.30 (1.19)	.92
4. Me orgulho de ser brasileiro(a)	3.36 (1.19)	.91
2. Gosto de ser brasileiro(a)	3.80 (1.06)	.90
1. Ser brasileiro(a) é importante para mim	3.50 (1.18)	.86
3. Me identifico com os(as) brasileiros(as) em geral	3.20 (1.21)	.74

Estudo 2

Participantes

Participaram neste estudo 1208 brasileiros (63.4% mulheres) com média de idade de 36.6 anos ($DP = 14.5$, $min = 18$, $máx = 92$) de todos os estados do Brasil, sendo a maioria do Rio de Janeiro ($n = 753$) e São Paulo ($n = 103$).

Instrumentos

Além da escala de identificação nacional, foram aplicadas as seguintes medidas:

Avaliação dos impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Este instrumento foi adaptado da escala de Lage *et al.* (2015), composto por dois fatores. O primeiro, composto por oito itens, avaliou

os impactos positivos dos Jogos (e.g. “Sediar os Jogos Olímpicos Rio 2016 melhorou a imagem do Rio de Janeiro internacionalmente”) e apresentou índice de consistência interna $\alpha = .93$. O segundo fator, composto por cinco itens, investigou os impactos negativos dos Jogos (e.g. “Os Jogos Olímpicos Rio 2016 aumentaram a taxa de criminalidade”) e apresentou índice de consistência interna $\alpha = .79$. As respostas tipo Likert variavam entre 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Emoções relativas aos Jogos Olímpicos Rio 2016. Trata-se de uma medida composta por uma lista 10 emoções referentes aos Jogos Olímpicos Rio 2016, sendo 5 positivas (*orgulho, entusiasmo, satisfação, admiração e alegria*, $\alpha = .96$) e 5 negativas (*vergonha, raiva, tristeza, medo e decepção*, $\alpha = .87$). O participante foi solicitado a indicar a intensidade (0 = nada; 5 = muito) de cada uma das emoções associadas aos Jogos.

Satisfação com a vida. A satisfação com a vida foi avaliada mediante um único item: “Eu estou satisfeito com a minha vida” (1= discordo totalmente; 5 = concordo totalmente).

Autoestima. A medida de autoestima foi composta por cinco itens do Fator Alta Autoestima (e.g. “Em geral, eu estou satisfeito comigo”), do instrumento de Avanci e colaboradores (2007). As respostas tipo Likert variavam de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente, $\alpha = .83$).

Otimismo. As expectativas em relação a eventos futuros foram avaliadas por meio de três itens baseados no Teste de Orientação da Vida (TOV-R) (Bandeira et al., 2002) (e.g. “Em geral, eu espero que aconteçam mais coisas boas do que ruins”), e cujas respostas poderiam variar de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente, $\alpha = .81$).

Procedimentos

Os procedimentos de coleta de dados e os procedimentos éticos foram os mesmos adotados no Estudo 1. No entanto, o período de divulgação da pesquisa e de recrutamento dos participantes ocorreu durante os Jogos Olímpicos Rio 2016 (Agosto de 2016).

Quanto à análise dos dados, primeiramente foi conduzida uma análise fatorial confirmatória, realizada com software AMOS (versão 24 do programa SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*) utilizando o método de extração da máxima verossimilhança. Também foram verificados os pesos fatoriais dos itens (lambdas: λ), sendo recomendados valores superiores a .50 (Johnson & Stevens, 2001). A existência de outliers foi verificada por meio da distância quadrada de Mahalanobis (D^2), e a normalidade das variáveis foi verificada pelos coeficientes de assimetria ($|Sk| < 3$, $p < .001$) e curtose ($|Ku| < 10$, $p < .001$) (Marôco, 2014). Por fim, para ajustar o modelo, recorreu-se aos índices de modificação calculados pelo AMOS ($IM > 45$, $p < .001$).

Para avaliação da qualidade do ajustamento do modelo foram utilizados os seguintes indicadores: χ^2 , χ^2/gl , CFI (*Comparative Fit Index*), GFI (*Goodness of Fit Index*), TLI (*Tucker Lewis Index*), e RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*) (cf. Marôco, 2014: GFI, CFI e TLI $> .80$; RMSEA $< .10$). Por fim, para investigar a relação da identificação nacional com outros construtos teoricamente correlatos foram calculados coeficientes de correlação r de Pearson.

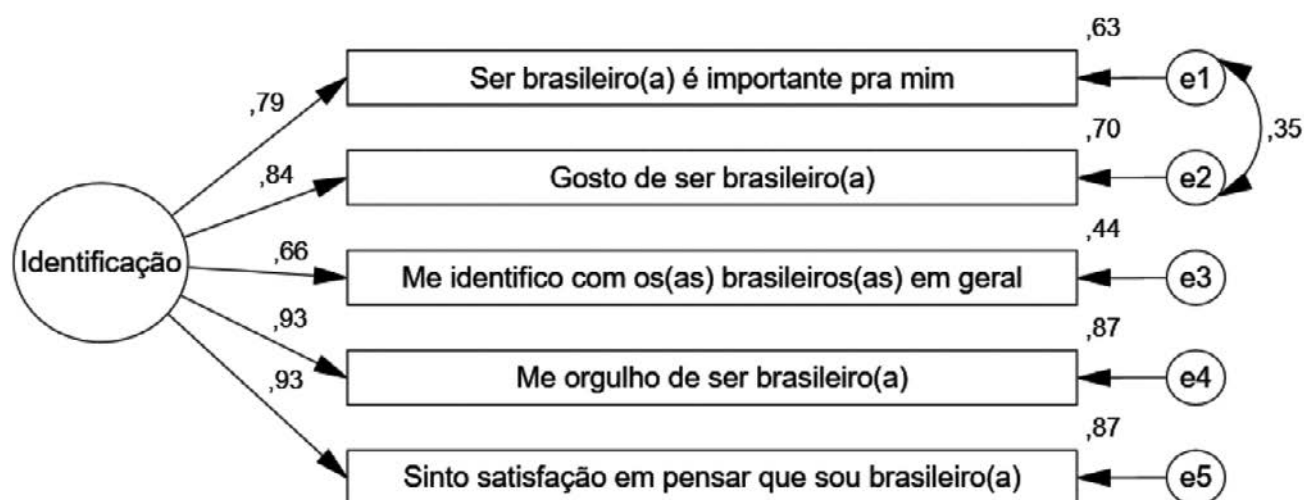
Resultados

A escala de identificação nacional apresentou bons índices de ajuste, $\chi^2(4) = 32.8$, $p < .001$, $\chi^2/gl = 8.21$, GFI = .991, CFI = .996, TLI = .990, RMSEA = .063. A confiabilidade composta foi de .93, a variância média extraída foi de .72, e todos os pesos fatoriais (lambdas, λ) foram estatisticamente significativos e diferentes de zero ($p < .001$), variando de .73 a .94. Para um melhor ajuste do modelo, foram correlacionados os erros de medida do item 1 (“Ser brasileiro(a) é importante

para mim”) com o item 2 (“Gosto de ser brasileiro(a)”) (Figura 2). Esta correlação está teoricamente sustentada, pelo fato de ambos os itens ilustrarem o componente avaliativo da identificação nacional (Tajfel, 1978). A consistência interna, tal como no estudo anterior, foi excelente ($\alpha = .93$), segundo George e Mallery (2005).

FIGURA 2

Modelo estrutural da escala de Identificação Nacional



No que se refere às análises de correlação com variáveis externas (Tabela 2), verificou-se que quanto mais os participantes se identificavam como brasileiros, mais positivamente avaliavam os impactos positivos, $r = .43$; $p < .001$, e menos negativamente avaliavam os impactos negativos dos Jogos Rio 2016, $r = -.25$; $p < .001$, bem como sentiam mais emoções positivas, $r = .51$; $p < .001$, e menos emoções negativas relacionadas aos Jogos Rio 2016, $r = -.34$; $p < .001$. Estes resultados vão ao encontro do esperado e corroboram o estudo realizado por Lins e Borsa (2014) no que diz respeito à relação entre a identificação nacional e avaliação dos impactos e das emoções vivenciadas relacionados a megaeventos esportivos.

Adicionalmente, a identificação com os brasileiros também se correlacionou positivamente com a satisfação com a vida, $r = .27$; $p < .001$, com a autoestima $r = .23$; $p < .001$, e com o otimismo $r = .26$; $p < .001$, confirmando a importância da identificação nacional para o bem-estar psicológico dos indivíduos (e.g., Kecmanovic, 1996; Tyrrell, 1996). No seu conjunto, estes resultados apontam evidências de validade convergente da Escala de Identificação Nacional.

TABELA 2.
Correlações das Variáveis em Estudo

	M (DP)	1	2	3	4	5	6	7
1. Identificação com os brasileiros	3.76 (1.10)							
2. Avaliação impactos positivos Rio 2016	3.13 (1.13)	.43*						
3. Avaliação impactos negativos Rio 2016	3.07 (0.94)	-.25*	-.53*					
4. Emoções positivas Rio 2016	3.21 (1.38)	.51*	.85*	-.50*				
5. Emoções negativas Rio 2016	2.39 (1.15)	-.34*	-.69*	.53*	-.66*			
6. Satisfação com a vida	3.87 (0.97)	.27*	.15*	-.10*	.17*	-.15*		
7. Autoestima	4.26 (0.64)	.23*	.18*	-.10*	.18*	-.15*	.54*	
8. Otimismo	4.09 (0.81)	.26*	.20*	-.07	.24*	-.19*	.40*	.61*

Nota: * $p < .001$

Discussão

Diante de um tema tão atual como a nacionalidade, o presente estudo teve como objetivo construir e validar um instrumento para mensurar a identificação nacional brasileira. Com base na Teoria da Identidade Social de Tajfel e Turner (1979), foi construída uma escala concisa, mas suficientemente heterogênea para captar a riqueza do construto de identificação nacional nos seus diversos componentes (cf. Tajfel, 1978).

Os resultados de ambos os estudos indicaram evidências iniciais de validade da escala de identificação nacional. Especificamente, o Estudo 1 apresentou evidências iniciais de validade baseadas na estrutura interna do instrumento, por meio de uma análise fatorial exploratória, cujos resultados revelam cargas fatoriais superiores a 0.74 e ao índice de consistência interna igual a 0.92. Já, no Estudo 2, uma análise fatorial confirmatória revelou que os dados apresentaram um bom ajuste ao modelo unidimensional testado. Contudo, dois dos itens apresentaram erros de medida correlacionados o que, embora esteja teoricamente sustentado pelo fato de pertencerem à mesma dimensão, pode indicar uma sobreposição de conteúdo (Brown, 2015); assim, a reformulação de um deles poderia ser benéfica em futuros estudos. A consistência interna da escala neste estudo também demonstrou ser elevada.

Encontraram-se, ainda, correlações fracas e moderadas entre a escala de identificação nacional e medidas psicológicas de bem-estar e de apreciação de eventos nacionais, que a literatura aponta como sendo correlatas da identificação nacional (e.g., Haslam et al., 2009; Lins & Borsa, 2014; Luhtanen & Croker, 1992; Smokowski et al., 2014; Stets & Burke, 2014; Teixeira & Lins, 2018). Foram encontradas, portanto, evidências de validade convergente. No entanto, outras evidências de validade ainda são necessárias para atestar a qualidade da escala de identificação nacional e sua adequação para uso no contexto brasileiro. Assim, será necessário complementar os

resultados da validade convergente com uma avaliação da forma como esta escala se distingue de outras escalas de identificação grupal, e, ainda, avaliar a sua validade discriminante, isto é, garantir que esta escala não se relaciona com outras que a literatura apresenta como teoricamente não relacionadas.

Considera-se importante esta contribuição pela inexistência de uma escala de identificação nacional validada para o contexto brasileiro, o que foi feito, no presente estudo, através de uma amostra de todos os estados do Brasil. A aplicação desta escala pode ser útil para futuros estudos que busquem avaliar, por exemplo, o impacto dos escândalos de corrupção na sociedade brasileira (e.g., na coesão social), e nos próprios brasileiros (e.g., autoestima, otimismo, satisfação com a vida).

Além disso, a confirmação da estrutura unidimensional desta escala por meio de dois métodos de análise fatorial distintos e complementares, nomeadamente a análise fatorial exploratória e a análise fatorial confirmatória, mostra que é possível conceber o construto da identificação nacional como sendo um contínuo, podendo estar mais ou menos identificados com o seu país. Aliás, mesmo havendo uma explícita tentativa de inclusão de itens heterogêneos e representativos das três dimensões que Tajfel (1978) indica estarem subjacentes ao processo de identificação social, os itens agregaram-se num único fator no primeiro estudo, tendo esse fator único sido confirmado numa amostra diferente. Idealmente, esta conclusão seria reforçada pela comparação de uma estrutura unidimensional com uma estrutura multidimensional (neste caso, de três dimensões). Contudo, esta análise não pôde ser realizada, pois cada fator seria constituído apenas por um ou dois itens, o que não permite a estimação do modelo, por não haver graus de liberdade suficientes (Brown, 2015).

Não pondo em causa a utilidade de escalas multidimensionais, que poderão ser apropriadas quando estas dimensões mais específicas são o objeto de estudo, apresentamos uma escala empiricamente validada que mede o construto de identificação nacional não só de forma curta e parcimoniosa, mas também de forma unidimensional. Esta estrutura apresenta, ainda, uma vantagem face a outros instrumentos que, apesar de mais detalhados e multidimensionais, são mais longos (e.g., Lillie & Diehl, 1999); ou, por serem demasiado concisos, perdem em operacionalizar de forma muito restrita a identificação nacional (e.g., Postmes et al., 2013). Estudos futuros poderão implementar este instrumento de forma a intercalar variáveis de nível societal e psicossocial de análise, com uma escala curta e menos suscetível a efeitos de interpretação ou exaustão nos participantes.

Dada a saliência da identidade nacional durante a realização de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos (Lins, 2020), é possível que todas as dimensões constituintes da identificação nacional tenham ficado muito acentuadas e, desta forma, fortemente correlacionadas entre si. Assim, para trazer mais evidências que confirme a unidimensionalidade da escala, pesquisas futuras deverão complementar os resultados encontrados neste estudo, coletando dados em ocasiões em que a identidade nacional não esteja tão saliente. Por fim, embora a escala tenha sido criada com o objetivo de suprimir a falta de escalas de identificação nacional para o contexto brasileiro, esta poderá ser a base para a construção de escalas de identificação nacional de outros países.

Referências

- Abrams, D., & Hogg, M. A. (1988). Comments on the motivational status of self-esteem in social identity and intergroup discrimination. *European Journal of Social Psychology*, 18, 317–334. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420180403>
- Arocena, F. A. L., Ceballos, J. C. M., & Velasco, C. Y. (2010). Identidad mexicana e interés político: Predictores de bienestar social y anomia. *Acta Universitaria*, 20(2), 40-49. <https://doi.org/10.15174/au.2010.79>
- Ashmore, R.D., Deaux, K., & McLaughlin-Volpe, T. (2004). An organizing framework for collective identity: Articulation and significance of multidimensionality. *Psychological Bulletin*, 130, 80-114. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.130.1.80>
- Avanci, J., Assis, S., Santos, N., & Oliveira, R. (2007). Adaptação transcultural de escala de auto-estima para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 397-405. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300007>
- Bandeira, M., Bekou, V., Lott, K., Teixeira, M., & Rocha, S. (2002). Validação transcultural do teste de orientação da vida (TOV-R). *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7, 251-258. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200006>
- Berg, L., & Hjern, M. (2010). National identity and political trust. *Perspectives on European Politics and Society*, 11(4), 390-407. <https://doi.org/10.1080/15705854.2010.524403>
- Blank, T., & Schmidt, P. (2003). National identity in a united Germany: Nationalism or patriotism? An empirical test with representative data. *Political Psychology*, 24(2), 289-312. <https://doi.org/10.1111/0162-895X.00329>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* (2nd ed.). The Guilford Press.
- Brown, R., Condor, S., Mathews, A., Wade, G., & Williams, J. (1986). Explaining intergroup differentiation in an industrial organization. *Journal of Occupational Psychology*, 59(4), 273-286. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8325.1986.tb00230.x>
- Cameron, J. E. (2004). A three-factor model of social identity. *Self and identity*, 3(3), 239-262. <https://doi.org/10.1080/13576500444000047>
- Chiu, C. Y., Gries, P., Torelli, C. J., & Cheng, S. Y. (2011). Toward a social psychology of globalization. *Journal of Social Issues*, 67(4), 663-676. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2011.01721.x>
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7, 309–319. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.7.3.309>
- Diamantopoulos, A., Sarstedt, M., Fuchs, C., Wilczynski, P., & Kaiser, S. (2012). Guidelines for choosing between multi-item and single-item scales for construct measurement: a predictive validity perspective. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 40(3), 434-449. <https://doi.org/10.1007/s11747-011-0300-3>
- Dibble, J. L., Levine, T. R., & Park, H. S. (2012). The Unidimensional Relationship Closeness Scale (URCS): Reliability and validity evidence for a new measure of relationship closeness. *Psychological Assessment*, 24(3), 565-572. <https://doi.org/10.1037/a0026265>
- Ellemers, N., Kortekaas, P., & Ouwerkerk, J. W. (1999). Self-categorisation, commitment to the group and group self-esteem as related but distinct aspects of social identity. *European Journal of Social Psychology*, 29(2-3), 371-389. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199903/05\)29:2/3<371::AID-EJS-P932>3.0.CO;2-U](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199903/05)29:2/3<371::AID-EJS-P932>3.0.CO;2-U)

- Esses, V. M., Dovidio, J. F., Semanya, A., & Jackson, L. M. (2004). Attitudes toward immigrants and immigration: The role of national and international identity. In D. Abrams, M. A. Hogg, & J. M. Marques (Eds.), *The Social Psychology of Inclusion and Exclusion* (pp. 317–338). Psychology Press.
- Feitosa, J., Salas, E., & Salazar, M. R. (2012). Social identity: Clarifying its dimensions across cultures. *Psychological Topics*, 21(3), 527-548. <https://doi.org/10.1037/t17811-000>
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., Xu, J. (2002). A Model of (Often Mixed) stereotype content: competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6): 878–902. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.878>
- Furr, R. M. (2011). *Scale Construction and Psychometrics for Social and Personality Psychology*. SAGE Publications.
- Gallagher, E., & Cairns, E. (2011). National identity and in-group/out-group attitudes: Catholic and Protestant children in Northern Ireland. *European Journal of Developmental Psychology*, 8(1), 58-73. <https://doi.org/10.1080/17405629.2010.533977>
- García-García, J., Dorado, S. R., Estramiana, J. L. A., & Torres, A. R. R. (2012). Nacionalismo e identidade nacional sob uma perspectiva psicossociológica. In M. E. O. Lima, A. R. R. Torres & E. M. Techio (Orgs.), *Identidade nacional e representações sociais do Brasil: Abordagens integrativas*. Scortecci.
- George, D., & Mallery, P. (2005). *SPSS for windows step by step: a simple guide and reference 12.0 update* (5 ed.). Pearson Education New Zealand.
- Graeff, B., Monteiro Gutierrez, D., Sardá, T., Bretherton, P., & Bettine, M. (2019). Capable, splendid and unequal: international media portrayals of Brazil during the 2014 World Cup. *Third World Quarterly*, 40(4), 796-814. <https://doi.org/10.1080/01436597.2018.1526070>
- Guitart, M. E. (2010). Propiedades psicométricas y estructura factorial de la Escala de Identidad Étnica Multigrupo en español (MEIM). *Revista Latinoamericana de Psicología*, 42(3), 405-412.
- Haslam, S. A., Jetten, J., Postmes, T. & Haslam, C. (2009), Social identity, health and well-being: An emerging agenda for Applied Psychology. *Applied Psychology*, 58 (1–23). <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00379.x>
- Herrmann, R. K., Isernia, P., & Segatti, P. (2009). Attachment to the nation and international relations: Dimensions of identity and their relationship to war and peace. *Political Psychology*, 30(5), 721-754. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2009.00723.x>
- Hogg, M. A. (1996). Intragroup processes, group structure and social identity. In W. P. Robinson (Ed.), *Social groups and identities: Developing the legacy of Henri Tajfel*, (Pp. 65-93). Butterworth-Heinemann.
- Hogg, M. A. (2016). Social identity theory. In S. McKeown, R., Haji, & N. Ferguson (Eds.), *Understanding Peace and Conflict Through Social Identity Theory* (pp.3-17). Springer International Publishing.
- Huddy, L., & Khatib, N. (2007). American patriotism, national identity, and political involvement. *American Journal of Political Science*, 51, 63–77. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5907.2007.00237.x>
- Jackson, J.W., & Smith, E.R. (1999). Conceptualizing social identity: A new framework and evidence for the impact of different dimensions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(1), 120-135. <https://doi.org/10.1177/0146167299025001010>
- Johnson, B., & Stevens, J. (2001). Exploratory and confirmatory factor analysis of the school level environment questionnaire (SLEQ). *International Journal of Learning Environments Research*, 4(3), 325-344. <https://doi.org/10.1023/A:1014486821714>
- Kecmanovic, D. (1996). *The mass psychology of ethnonationalism*. Plenum Press.

- Kelman, H. C. (1997). Nationalism, patriotism, and national identity: Social psychological dimensions. In D. Bar-Tal & E. Staub (Eds), *Patriotism: In the lives of individuals and nations* (pp. 165–189). Nelson-Hall Publishers.
- Kelman, H. C. (2001). The role of national identity in conflict resolution. In R. D. Ashmore, L. Jussim & D. Wilder (Eds), *Social Identity, Intergroup Conflict, and Conflict Reduction* (pp. 187-212). Oxford University Press.
- Lage, C., Aversa, J., Diogo, C., Lins, S., & Borsa, J. (2015). *Construção de uma escala avaliativa dos impactos da Copa do Mundo FIFA*. Trabalho apresentado no 9ª Mostra Regional de Práticas em Psicologia, Rio de Janeiro. <https://doi.org/10.13140/rg.2.2.31217.43366>
- Leach, C. W., Van Zomeren, M., Zebel, S., Vliek, M. L., Pennekamp, S. F., Doosje, B., Ouwerkerk, J. W., & Spears, R. (2008). Group-level self-definition and self-investment: a hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(1), 144. [HTTPS://DOI.ORG/10.1037/0022-3514.95.1.144](https://doi.org/10.1037/0022-3514.95.1.144)
- Lilli, W. & Diehl, M. (1999) *Measuring National Identity*. Mannheimer Zentrum für Europäische Sozialforschung, arbeitspapiere- Mannheimer Zentrum für Europäische Sozialforschung 10.
- Lima, M. E. O., & Santos, E. V. (2016). Representações sociais do Brasil e identidade nacional. In M. E. O. Lima, A. R. R. Torres & E. M. Techio (Orgs.), *Identidade nacional e representações sociais do Brasil: abordagens integrativas*. Scortecci.
- Lins, S. (2020). Preparando-se para a Copa do mundo: O que leva os brasileiros a comprar impulsivamente produtos para apoiar o seu país?. *Revista PSICOLOGIA*, 34(1), 325-335. <https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i1.1681>
- Lins, S., & Borsa, J. (2014). Identidade social, saúde mental e avaliação dos impactos da Copa do Mundo. *Psicologia e Saber Social*, 3(1), 124-131. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2014.12208>
- Luhtanen, R., & Crocker, J. (1992). A collective self-esteem scale: Self-evaluation of one's social identity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18(3), 302-318. <https://doi.org/10.1177/0146167292183006>
- Maki, A., Dwyer, P. C., Blazek, S., Snyder, M., González, R., & Lay, S. (2019). Responding to natural disasters: Examining identity and prosociality in the context of a major earthquake. *British Journal of Social Psychology*, 58(1), 66-87. <https://doi.org/10.1111/bjso.12281>
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais, fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- McCauley, C. (2001). The psychology of group identification and the power of ethnic nationalism. In D. Chirrot & M. E. P. Seligman (Eds.), *Ethnopolitical warfare: Causes, consequences, and possible solutions* (pp. 343-362). Washington, DC, US: American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10396-021>
- Nascimento, T.H., & Souza, E.C.L. (2017). Escala Trifatorial da Identidade Social (ETIS): Evidências de sua Adequação Psicométrica. *Psico-USF*, 22(2), 217-234. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220203>
- Pimentel, C., Gouveia, V.V., & Fonseca, P. (2005). Escala de Identificação com Grupos Alternativos: construção e comprovação da estrutura fatorial. *PsicoUSF*, 10(2), 121-127. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000200003>
- Postmes, T., Haslam, S. A. & Jans, L. (2013). A single-item measure of social identification: Reliability, validity, and utility. *British Journal of Social Psychology*, 52, 597–617. <https://doi.org/10.1111/bjso.12006>
- Reise, S. P., Bonifay, W. E., & Haviland, M. G. (2013). Scoring and modeling psychological measures in the presence of multidimensionality. *Journal of Personality Assessment*, 95(2), 129-140. <https://doi.org/10.1080/00223891.2012.725437>

- Salazar, J. M. (1998). Social identity and national identity. In S. Worchel (Ed.) *Social identity: International Perspectives*. SAGE.
- Schallhorn, C. (2020). Samba, sun and social issues: How the 2014 FIFA World Cup and the 2016 Rio Olympics changed perceptions of Germans about Brazil. *International review for the sociology of sport*, 55(5), 603-622. <https://doi.org/10.1177/1012690218822994>
- Scheve, C. V., Kozłowska, M., Ismer, S., & Beyer, M. (2014). National identification: a multidimensional scale based on a three-country study. *Berliner Studien zur Soziologie Europas / Berlin Studies on the Sociology of Europe (BSSE)*, 29. Berlin: Freie Universität Berlin, FB Politik- und Sozialwissenschaften, Institut für Soziologie Arbeitsbereich Makrosoziologie. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-403088>
- Smokowski, P. R., Evans, C. B. R., Cotter, K. L. & Webber, K. C. (2014). Ethnic identity and mental health in American Indian youth: examining mediation pathways through self-esteem, and future optimism. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(3), 343-355. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9992-7>
- Stets, J. E., & Burke, P. J. (2014). Self-esteem and identities. *Sociological Perspectives* 57(4), 409-433. <https://doi.org/10.1177/0731121414536141>
- Streiner, D. L. (2003). Starting at the beginning: An introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of Personality Assessment*, 80(1), 99-103. https://doi.org/10.1207/S15327752JPA8001_18
- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups*. Academic Press.
- Tajfel, H., & Turner, J.C. (1979) An integrative theory of intergroup conflict. In W.G. Austin and S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 33–47). Brooks/Cole.
- Teixeira, A. P., & Lins, S. L. B. (2018). Evaluando variables psicosociales y la identidad social de atletas paralímpicos brasileños. *Liberabit*, 24(1), 45-60. <http://dx.doi.org/https://doi.org/10.24265/liberabit.2018.v24n1.04>
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A Self-categorization Theory*. Basil Blackwell.
- Turner, J. C., Oakes, P. J., Haslam, S. A., & McGarty, C. (1994). Self and collective: Cognition and social context. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20(5), 454–463. <https://doi.org/10.1177/0146167294205002>
- Turner, J. C., & Reynolds, K. (2012). Self-Categorization Theory. In P. A. M. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of Theories of Social Psychology* (pp.399-417). SAGE Publications.
- Tyrrell, M. (1996). Nation-states and states of mind: Nationalism as Psychology. *Critical Review*, 10(2), 233-250. <https://doi.org/10.1080/08913819608443419>
- Wachelke, J. F. R. (2013). Identificação com o grupo: Adaptação e validação de uma medida geral para o contexto brasileiro. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 187-200. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.4898>
- Yitmen, Ş., & Verkuyten, M. (2018). Positive and negative behavioural intentions towards refugees in Turkey: The roles of national identification, threat, and humanitarian concern. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 28(4), 230-243. <https://doi.org/10.1002/casp.2354>
- Zhao, L., Chen, D., Li, X., & Guan, J. (2020). The influence of national identity on prosocial behavior: the mediating and moderating role of subjective perceptions of COVID-19 pandemic. In *2020 7th International Conference on Behavioural and Social Computing (BESC)* (pp. 1-4). IEEE.